



## ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSPECTIVA CULTURAL DA MULHER NO PROGRAMA

Aline Rosso<sup>1</sup>

Claudia Nandi Formentin<sup>2</sup>

**Resumo:** A mídia, em geral, possui a grande responsabilidade em passar informação ao público. É a mídia que, entre outros instrumentos sociais, contribui para a construção dos padrões vigentes nas culturas humanas. O programa Encontro com Fátima Bernardes, exibido diariamente pela Rede Globo, maior emissora do Brasil, tem formato híbrido sendo considerado um programa de entretenimento ao mesmo tempo em que se utiliza de recursos jornalísticos. Dessa forma pode-se caracterizá-lo em uma modalidade chamada de infotenimento. O horário em que o programa é veiculado é, tradicionalmente, destinado ao público feminino. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a maneira que o programa Encontro com Fátima Bernardes faz referência à mulher, após tantas lutas pela igualdade de gênero. Este trabalho é um recorte feito a partir de estudos desenvolvidos para a produção do Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo. A análise deste artigo refere-se ao dia 8 de março de 2016, dia Internacional da Mulher. Nele é apresentado um casal que gerou polêmica na Internet ao divulgar que presenteou seu filho com uma cozinha de brinquedo. Objeto que ainda é apresentado como sendo destinado às meninas. Durante a discussão do tema a apresentadora coloca no palco brinquedos considerados para meninas e outros para meninos chamando crianças para brincar. O interessante foi perceber meninas brincando com os brinquedos considerados para meninos e vice-versa. Ao final da pesquisa percebeu-se que há a tentativa de trazer abordagens que tentam, de alguma forma, desconstruir os padrões estabelecidos. No entanto o que pode-se observar é que os temas principais giram em torno daqueles assuntos ligados tradicionalmente ao universo feminino: maternidade e beleza o que reforça quais os interesses da mulher contemporânea. A pesquisa aqui apresentada é qualitativa caracterizando-se como um estudo de caso. Os principais autores para sustentarem a análise foram Saffioti (1987) e Michel (1989).

**Palavras-chave:** Feminino. Infotenimento. Encontro com Fátima Bernardes.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meio às tantas mudanças que ocorrem diariamente na sociedade, os meios de comunicação acabam precisando se renovar. A Rede Globo, emissora de maior audiência do Brasil, foi uma das que se adaptou a essas modificações e investiu nas alterações de programas, visando satisfazer as novas necessidades

---

<sup>1</sup> Graduada em Jornalismo pela Faculdade SATC. E-mail: [alinerosso@hotmail.com.br](mailto:alinerosso@hotmail.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Linguagem. Professora da SATC. E-mail: [claudia.formentin@satc.edu.br](mailto:claudia.formentin@satc.edu.br)



de seu público. Como, por exemplo, quando a emissora passou a preencher a grade com variados tipos de programas como, em 1977, o programa humorístico *Os trapalhões*. Ia ao ar nas noites de domingos e tinha como os principais personagens Didi (Renato Aragão), Dedé (Manfried Sant'anna), Mussum (Antônio Carlos Bernardes Gomes) e Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves), permanecendo no ar durante 18 anos.

Conforme o arquivo digital da emissora (MEMÓRIA GLOBO, 2016-1) em 1999, foi ao ar o *Mais Você*, com a apresentação de Ana Maria Braga. De início o programa matinal tinha como público-alvo as mulheres, donas de casa, porém, com o passar dos anos, a própria apresentadora afirmou que o programa era, na verdade, para a família em geral. Um ano após a estreia do *Mais você*, a Rede Globo investiu em um *talk show* intitulado como *Programa do Jô*, comandado por José Eugênio Soares que, em 2006, ganhou o prêmio *Qualidade Brasil* de melhor programa de entrevistas.

Também conforme o site Memória Globo (2016-2) em 2012, visando, mais uma vez, se reinventar, a emissora de maior prestígio optou por outra novidade. Um novo programa matinal, intitulado *Encontro com Fátima Bernardes*, que substituiu os desenhos animados que eram transmitidos de segunda a sexta-feira, no programa TV Globinho.

O *Encontro* foi uma idealização da própria Fátima Bernardes que, após 14 anos apresentando o principal programa jornalístico da TV Globo, *Jornal Nacional*, junto com William Bonner, optou por um novo caminho na carreira. A ideia seria unir entretenimento com jornalismo, um gênero que recentemente foi denominado como infotenimento.

Para Martino (2009, p. 155), o infotenimento é um:

gênero híbrido apresentando informação na linguagem do entretenimento. Ou intercalando os dois gêneros praticamente sem linha divisória [...]. Ao alternar gêneros diferentes em um mesmo momento, a sucessão rápida de imagens e narrativas, reais e ficcionais, reforça a quebra de ambientes específicos entre um e outro: a fronteira do real e do imaginário se dilui no infotenimento.

Para Dejavitte (2007), apesar de este termo ter se originado na década de 1980, foi somente em 1990 que ele ganhou forças, quando começou a ser empregado por profissionais e estudiosos da área de comunicação como



sinônimo de jornalismo que fornece informação, prestação de serviço e, ao mesmo tempo, divertimento ao telespectador. Para a autora (2007, p. 2), “o jornalismo de infotimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público”. Sendo assim, o *Encontro* informa enquanto entretém, confirmando que apesar da apresentadora estar conduzindo um programa de entretenimento, não precisou abandonar totalmente o jornalismo.

Migrar para o entretenimento está cada vez mais comum no meio jornalístico. Fátima Bernardes não foi a primeira jornalista a trocar de caminho. Pedro Bial, Patrícia Poeta e Zeca Camargo são alguns, de outros nomes da Rede Globo, conhecidos por esta mudança.

Nesse contexto é que se buscou responder ao problema da pesquisa: como o feminino é retratado no programa Encontro com Fátima Bernardes, sob aspectos culturais e sociais? Para tanto estabeleceu-se como objetivo geral analisar a maneira que a mulher é retratada no referido programa. Nesse sentido, os objetivos específicos são: 1. verificar se a abordagem apresentada sobre o tema reforça estereótipos com relação à mulher e 2. analisar quadros e temas em que a mulher seja evidenciada.

Para se alcançar os objetivos aqui propostos foi destacado o programa do dia 8 de março de 2016, dia Internacional da Mulher, que será analisado a partir de autores como Michel (1989), Cruz, Silva e Souza (2011), Silvestre e Barreto (2008).

## 2 A CONSTRUÇÃO DO FEMININO

A desigualdade entre homem e mulher existe há muitos anos. Silva e Andrade (2009) citam a mitologia como um dos casos mais antigos, pois os gregos e romanos contavam que devido à curiosidade própria de seu sexo, Pandora havia aberto a caixa de todos os males, tornando as mulheres responsáveis pelo desencadeamento de todos os tipos de desgraça. Na tradição judaico-cristã, Silva e Andrade (2009) trazem a expulsão do Paraíso como referência, por ter sido Eva aquela que prova o fruto proibido e influencia Adão a



também usufruí-lo.

No período marcado pelo Cristianismo, na Idade Média, surgiram dois modelos do feminino. Maria era a mulher que, mesmo virgem, havia gerado uma criança. Era a mãe de Jesus Cristo e símbolo da perfeição, tornando-se o modelo ideal para as mulheres. Em contrapartida, Eva era diretamente associada à desobediência inerente ao pecado, sendo o modelo repudiado pela Igreja. Porém, as mulheres acabavam sendo identificadas pelo segundo modelo, já que o primeiro de Maria é algo inalcançável para qualquer mulher. Clément e Kristeva (2001, p. 38) reforçam que “o discurso da exaltação de Maria por contraste com Eva estabelece a cisão, não apenas entre ela e Eva, mas entre ela e todas as mulheres, representadas em Eva”. Também na Idade Média, a perseguição que se abateu à mulher ficou conhecida como a “caça às bruxas”. Assunto que, conforme Alves e Pitanguy (1985), é pouco estudado e denunciado. Conforme as autoras, é pelo sexo que a mulher se faz bruxa, sexo este considerado impuro e maléfico. Leonard de Vair (1583 apud ALVES; PINTANGUY, 1985, p. 23), inquisidor, descreve a menstruação em um marco da bruxaria, pois “mensalmente elas se enchem de elementos supérfluos e o sangue faz exalar vapores que se elevam e passam pela boca, pelas narinas e outros condutos do corpo, lançando feitiços sobre tudo que elas encontram”.

Nesta época, milhares de mulheres foram queimadas, tendo como justificativa o fato de que elas teriam exercido determinados maléficos. Havia suspeitas de satanismo e de que tanto as bruxas quanto as curandeiras recebiam auxílio de espíritos, por isso eram perseguidas e queimadas. Era, portanto, “a natureza feminina que ardia nas fogueiras que ascenderam pela Idade Média e o início do Renascimento” (ALVES; PINTANGUY, 1985, p. 24).

Neste mesmo sentido e visando ressaltar a repressão da mulher, causada pela Igreja, Del Priore (2008, p. 46) cita como exemplo a carta de São Paulo, na Epístola aos Efésios que afirma que “as mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”.

Portanto, o homem (pai, marido, irmão) representava Cristo no lar enquanto a mulher era condenada a pagar eternamente pelo erro de Eva e,



também, a ser permanentemente controlada. Com isso, além de não terem direitos e nem liberdade de escolha, as mulheres eram obrigadas a viver às sombras dos homens.

Entretanto, na Idade Moderna, durante o Renascimento no século XV, falar de sexo era a maneira mais popular de autoexpressão. Conforme Seixas (1998), nesta época, o adultério feminino tornou-se comum e, com isso, inaugurou-se a era dos bastardos – filhos das amantes reais, conhecidos como “nobreza de alcova”.

Seixas (1998) destaca que durante o século, os bordéis e as casas de banho apareceram por toda a Europa e que, na França, por exemplo, eram estimuladas pelo Estado. Ninguém frequentava esses bordéis às escondidas, pois frequentá-los não era visto como desonra. Isso porque, afirma o autor, configuravam-se “locais de vida alegre e saudável, não colocando em risco o equilíbrio da família” (SEIXAS, 1998, p. 58).

No Brasil, conforme Seixas (1998), entre os séculos XVIII e XIX, as famílias dos donos de engenho eram patriarcais e extensas. Enquanto o homem, chefe da família, cuidava dos negócios, preservava a linhagem e a honra familiar e, ainda, exercia autoridade sobre a mulher, filhos e dependentes, cabia à esposa cuidar dos filhos e da casa, ficando restrita apenas ao lar, obtendo poucas oportunidades de aparecer em público.

De acordo com Seixas (1998, p. 68), “nesse tipo de sociedade a mulher auxilia o marido na manutenção de seu lugar social. Algumas geriam os negócios e propriedades, assumem a chefia da família e trabalham para a sobrevivência da prole”. Entretanto, o pai ainda era quem comandava a família.

Na Inglaterra do século XIX, até 1884 as únicas mulheres que podiam votar eram as solteiras ou viúvas donas de propriedades, moradoras das cidades. Segundo Seixas (1998, p. 69), até 1914, “o maior emprego individual para as mulheres é o serviço doméstico, e a mulher operária é transformada em escrava do salário, mal paga e recebendo menos que o homem pelo mesmo trabalho”. Portanto, ainda que a mulher pudesse trabalhar para ajudar nas despesas da casa, o salário, em relação ao homem, era considerado muito inferior.

Na luta pelo direito ao voto, em 1913, as inglesas passaram a fazer inúmeras manifestações causando, em alguns casos, sua própria morte. Contudo,



obtiveram este direito somente em 1918, após a Primeira Guerra Mundial. No Brasil, esta conquista aconteceu apenas em 1932, porém, de acordo com o Tribunal Regional Eleitoral do Espírito Santo (2014), este ganho das brasileiras veio após muita luta e uma intensa campanha nacional e, ainda assim, era restrita somente às mulheres casadas (com a permissão do marido) e viúvas e solteiras que possuíam renda própria. Em 1934 foram eliminadas as restrições do Código Eleitoral e as mulheres, no geral, passaram a poder votar, mas a obrigatoriedade do voto ainda pertencia somente aos homens.

Nesse contexto, em 1949, Beauvoir (2009) escreveu *O segundo sexo: fatos e mitos*, na obra a autora francesa procura definir a mulher. Para chegar à resposta, Beauvoir apresenta uma série de argumentos e cita o preconceito em relação ao feminino e ao fato de que os homens sempre se mostraram orgulhosos em se sentirem os reis da criação e por isso, mantinham a desigualdade cada vez maior. Conforme a autora, “os legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra” (BEAUVOIR, 2009, p. 16). Segundo a autora ao reduzir a definição de mulher a presença de um órgão, o ovário, acaba-se por equiparar a fêmea. E, ainda conforme Beauvoir

[...] O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (BEAUVOIR, 2009, p. 25).

Para a autora, o homem projeta na mulher, todas as fêmeas ao mesmo tempo. Entretanto, de acordo com Beauvoir (2009, p. 59), “a mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea”. É nesse sentido que a autora (2009, p. 9) afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. O que é explicado, justifica a autora, pelo fato de que “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 2009, p. 9). Assim como a Beauvoir (2009), Saffioti (1987) também ressalta que é por meio da educação que os seres



humanos tornam-se homens ou mulheres, reforçando a teoria que a identidade é socialmente construída.

Posterior à obra da autora francesa e, de certa forma complementando-a a partir de um olhar já do século XXI, Confortin (2003) destaca que o conceito de gênero visa chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo que surge logo no nascimento da criança, mas de maneira processual que ocorre não em um momento específico, mas no decorrer da vida e “vai fazendo com que as pessoas, sujeitos, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe consideram, permitem e possibilitam” (CONFORTIN, 2003, p. 107).

Portanto, conforme Confortin (2003), tem-se a ideia de que homens e mulheres são produzidos socialmente por meio dos discursos, das doutrinas, das imagens, dos símbolos, na escola, na família, na igreja e, até mesmo, por meio da mídia. Para a autora, não se pode negar que há elementos biológicos na caracterização do feminino e do masculino, mas tais elementos estão articulados em um social chegando-se, por vezes ao que ela chama de “naturalização social”. Segundo Confortin (2003, p. 112) “tais distinções são apresentadas na mídia, em artigos e textos variados, quando se procura estabelecer diferenças dizendo que a mulher é mais afetiva, mais sensível”.

Deste modo, tenta-se vender o conceito de que o cérebro da mulher é desenvolvido naturalmente de uma maneira diferente que a do homem, de tal forma que faz com que as mulheres sejam mais intuitivas, frágeis e sentimentais, enquanto os homens sejam mais lógicos, racionais e capazes de decisões. Assim, Faria e Nobre (1997) destacam que para a mulher é mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil e dengosa, enquanto para do homem, espera-se outros valores como força, iniciativa, objetividade e racionalidade. Conseqüentemente, torna-se comum ouvir dizer que tal tarefa é coisa ‘de homem’ ou que tal trabalho é ‘de mulher’.

De acordo com as autoras, “a naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia” (FARIA; NOBRE, 1997, p. 3). Ou seja, seria fruto da essência masculina e feminina como se ambos já nascessem assim. Contudo, Faria e



Nobre (1997) reforçam que ser homem ou ser mulher nada mais é, do que uma construção social, variando conforme as pessoas aprendem a ser.

Neste mesmo sentido, tratando-se de representações, segundo Michel (1989, p. 18), “os estereótipos sexistas masculinos e femininos tendem a desvalorizar as mulheres e as meninas e supervalorizar os homens e meninos”, além de criar uma espécie de barreira entre os dois grupos, faz com que as características de um sejam malvistas pelo outro. Para Michel (1989), um exemplo dessas representações é a do homem sendo sempre o chefe da família, em relação à esposa e filhos quando, na verdade, em várias famílias, tanto o marido quanto a mulher partilham as decisões referentes à vida doméstica, aos filhos e à vida profissional. O autor ainda destaca que, agindo conforme estereótipos sexistas, o espírito humano acaba “atribuindo às mulheres qualidades e fraquezas que são negadas aos homens, ao mesmo tempo que estes se vêem acumulados de qualidades e defeitos que são negados às mulheres” (MICHEL, 1989, p. 19). Entretanto, nessas distribuições de estereótipos sexistas, os homens acabam obtendo mais valores positivos como, por exemplo, coragem, inteligência, competência profissional, entre outros, enquanto as mulheres são representadas como seres desprovidos destas qualidades, “surgindo como pessoas dotadas de qualidades consideradas ‘femininas’ e supostamente ausentes nos homens” (MICHEL, 1989, p. 19).

Sendo assim, Saffioti (1987) também ressalta que a mulher é, frequentemente, associada aos valores negativos (fragilidade, emoção, resignação). A autora ainda destaca que tais valores trazem a ideia de que “a mulher é incapaz de usar a razão; não é capaz de lutar contra ocorrências adversas, já que se conforma com tudo; é insegura” (SAFFIOTI, 1987, p. 34). Entretanto, os traços da personalidade são adquiridos de acordo com o processo de socialização.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Conforme Saffioti (1987), cuidar dos filhos, por exemplo, é uma tarefa





tradicionalmente destinada às mulheres. Mesmo quando desempenha papéis fora do lar, é responsabilizada por preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. As que possuem condições financeiras conseguem contratar serviços para desempenhar os afazeres domésticos, porém, independe se ela trabalha em troca de um salário ou não a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação dos filhos. Consequentemente, por mais que haja inúmeras diferenças de renda permanece a identidade básica entre todas as mulheres.

Em relação aos afazeres domésticos, Michel (1989, p. 20) relata que um exemplo comum que retrata a questão da mulher ser, frequentemente, associada aos afazeres domésticos se destaca, geralmente, ainda na vida infantil, principalmente em famílias de baixa renda. Segundo o autor, uma imagem que retrata uma menina carregando um irmãozinho em suas costas, enquanto um outro irmão, mais velho do que ela, brinca ou se diverte empinando pipa, “mostra que ela já está condicionada a ajudar os pais quando sair da escola, enquanto aos meninos será dada maior liberdade”.

De acordo com Matos e Gitahy (2007), foi com a chegada do capitalismo moderno, que cresceram as profissões conhecidas como femininas, que são desvalorizadas e sem prestígio: lavadeira, engomadeira e bordadeira. Trabalhos relacionados ao papel inicial da mulher, aqueles referentes à casa. Trabalhavam como domésticas, sem leis que regulassem esse tipo de trabalho e, em muitos casos, tendo que dormir no emprego.

Segundo Moreno (2012), mesmo a mídia brasileira possuindo mulheres apresentadoras de telejornais, é possível identificar um padrão de pessoas sempre jovens e belas, pois além de serem formadoras de opinião, são também modelos de beleza – diferente do que ocorre com os apresentadores homens, para os quais a idade se torna tolerável. Nesse sentido, “quando apresentam qualquer sinal de envelhecimento, são rapidamente substituídas por outra apresentadora mais jovem [...] – salvo raríssimas e honrosas exceções” (MORENO, 2012, p. 23).

Em relação aos vídeos e à mídia impressa, Moreno (2012) cita que as mulheres são mostradas como “musas”, pois acabam anunciando, vendendo e sendo insinuadas como brindes, para a felicidade do proprietário ou consumidor



do produto anunciado como, por exemplo, as propagandas de cerveja. Além disso, para a autora, a mídia, geralmente, demonstra a mulher brasileira como jovem, quase sempre branca, magra, preferencialmente loira e de cabelo liso, mesmo a realidade do país sendo outra.

Neste contexto, Rodrigues (2004, p. 2) destaca que em relação à imprensa feminina o modelo ideal de mulher acaba sendo imposto de maneira mais agressiva, pois “sugere que todas sejam como ela, tanto fisicamente quanto no comportamento. Para isso, as matérias trazem sugestões de comportamento, vestuário, maquiagem, etc”. Com isso, acaba afetando a vida das meninas que, desde cedo, buscam se enquadrar nesses padrões. Portanto, como não chegam a esse ideal de beleza, cria-se uma geração que sofre com problemas de autoestima.

Com isso, a mídia alimenta a ideia de que a mulher tem o seu papel na sociedade e o que ela precisa saber (cozinhar, decorar e agradar o marido). Assim como, para o homem, a mídia influencia na maneira em que ele passa a enxergar a mulher (um objeto sexual). Neste sentido, conforme Moreno (2012), na formação histórica da sociedade brasileira, era comum que fora do Brasil, a mulher nascida em terras tupiquins, fosse apresentada como bonita e sempre disponível ao sexo. “Brasileiras, no exterior, se queixam de um tratamento absolutamente desrespeitoso assim que se apresentam como brasileiras” (MORENO, 2012, p. 25).

Entretanto, com o tempo e as transformações, as relações sociais acabaram mudando, significativamente. Confortin (2003) ressalta que à medida que a mulher entrou para o domínio público, levou sua visão e valores, tanto para a política quanto para o esporte e o trabalho. Com isso, o homem se viu obrigado a entrar no domínio privado, participando das atividades familiares, sobretudo na educação dos filhos. Para a autora, “essa mudança trouxe profundas consequências: em primeiro lugar, desmontou as articulações sociais milenares de sociedade de classes e cultura patriarcal, conceito passado através de gerações” (CONFORTIN, 2003, p. 117). Além disso, a partir do momento que a mulher ingressou no sistema produtivo, houve a mudança na família. O filho deixou de ver o pai mandando e a mãe obedecendo, para começar a enxergar os dois diferentes centros de poder, atuando igualmente.



Mesmo com aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, de acordo com Faria e Nobre (1997, p. 4), é mais comum ver mulheres atuando em áreas “consideradas tipicamente femininas como serviço doméstico, professoras, enfermeiras, assistentes sociais”, pois são áreas que é preciso ter dedicação e sensibilidade, características que são associadas à mulher.

Em relação aos afazeres domésticos, Michel (1989) destaca que uma pesquisa realizada, no final do século XX, em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, revelou que em todos eles, a mulher possuía uma carga de trabalho doméstico superior dos homens, pois eles se encarregavam de obter um emprego fora de casa para conseguir um salário. Isso fazia com que o trabalho do homem fosse mais valorizado, porque ele contribuía com dinheiro, enquanto o trabalho feminino, mesmo visando o bem-estar da família, possuía uma remuneração pequena ou nenhuma. Esse cenário familiar, para Michel (1989, p. 21), fazia com que os filhos vissem o pai como superior e a mãe inferior, pois ao pai é atribuído o papel de ‘ganha-pão’. “A observação, por parte da criança, da divisão de trabalho entre os pais, de acordo com o sexo, é fundamental na construção da identidade pessoal, tanto para o menino quanto para a menina”.

Além disso, Cruz, Silva e Souza (2011, p. 1) destacam que outro fator pode influenciar as crianças na infância como, por exemplo, os brinquedos. Eles, em sua ‘inocência’, muitas vezes, passam a ser influenciadores, pois “aprimoram, controlam, regulam as crianças e apontam o papel social que deve desempenhar quando crescer”. Para os autores, os meninos, desde cedo são incentivados a preferirem bolas, carros, jogos, enquanto as meninas são incentivadas a gostar de bonecas e de casinha. Essas brincadeiras tem como objetivo disciplinar os corpos e construir uma “determinada identidade do homem e da mulher com uniformidade moral, sendo adequadas ao padrão tido ‘ideal’ para viver em sociedade, ou seja, o corpo determinará a vida que o sujeito deverá ter” (CRUZ; SILVA; SOUZA, 2011, p. 1).

Nesse mesmo sentido, Silvestre e Barreto (2008) explicam que o discurso das garotas e as motivações em relação à escolha do brinquedo preferido, normalmente, estão ligados à perspectiva de vivenciar um futuro feminilizado, para o qual, mesmo sem perceberem, vão sendo conduzidas. Ou seja, “a preferência pelas bonecas indica a introjeção de valores que conduzem



ao lugar de mulher, mãe, avó e dona de casa” (SILVESTRE; BARRETO, 2008, p. 62).

Portanto, mesmo as pessoas agindo como se toda mulher já nascesse ‘apta’ (como se fosse algo natural do seu sexo), a exercer funções ‘ditas femininas’, de acordo com Faria e Nobre (1997, p. 5), as habilidades que possuem para exercerem essas profissões vem sendo desenvolvidas durante todo o processo de educação das meninas, ainda na infância como, por exemplo, “brincando de casinha, cuidando dos irmãos, bordando, ajudando a mãe no trabalho doméstico”.

Confortin (2003) destaca que no decorrer de todos os tempos, em todas as sociedades, a mulher desempenha, simultaneamente, vários papéis. Ela é mãe, esposa, dona-de-casa, conselheira e, frequentemente, a provedora do sustento familiar. Entretanto, a autora cita que mesmo a mulher desempenhando várias funções, a desvalorização dos papéis desempenhados e a da própria mulher, é antiga e comum.

Ela continuou sendo vista, por muitos, como um ser inferior, incapaz de exercer plenamente sua cidadania – no Brasil, por exemplo, só pôde votar por meados do século XX – e a ser discriminada em suas habilidades profissionais, por salários abaixo dos pagos a homens em igual função (CONFORTIN, 2003, p. 107).

Em contrapartida, de acordo com Confortin (2003), foi também no século XX, que ocorreram transformações e mudanças, que resultaram em inúmeros avanços. No passado, a realização da mulher se resumia ao casamento, maternidade ou à vida sagrada. Com isso, atingia todos os objetivos de vida muito cedo e acabava esquecendo sua verdadeira capacidade e ambição. Porém, conforme Confortin (2003, p. 119), “ao empunhar a bandeira da competência profissional, a mulher deixa a casa, assume a limitação da natalidade, e adere à profissionalização competente. Ingressa na Universidade e passa a participar em iguais condições, nos concursos”.

Sendo assim, a mulher que, até então, ocupava seu tempo organizando a casa, acabou se dedicando a também organizar, dirigir e administrar fora dela. Portanto, aquela que era vista como sensível e incapaz de tomar decisões, “transforma-se numa mulher economicamente ativa e politicamente atuante. Torna-se capaz de pensar rápido, de ter atitudes corretas, de tomar decisões



acertadas e avaliações permanentes. Torna-se uma protagonista e articuladora competente e voluntariosa” (CONFORTIN, 2003, p. 119). Consequentemente, no início do século XXI, a mulher passou a ocupar outro lugar na sociedade. “Num mundo globalizado, ágil, com rapidez de informações e permanentes transformações, ela precisou romper com o papel que vinha desempenhando através dos séculos”, ou seja, deixou de ser somente procriadora, para passar a ter vontade, empreendimento e ação (CONFORTIN, 2003, p. 107).

### 3 O FEMININO EM ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES

A escolha do programa a ser analisado neste trabalho surgiu da observação das edições do referido programa entre os dias 1 e 11 de março e 2 e 13 de maio de 2016. As datas foram escolhidas de forma específica, pois em março comemora-se o dia da mulher e em maio, o dia das mães.

A primeira ação foi analisar a quantidade de vezes em que a mulher passa a ser destaque em cada edição. Por dia, há temas centrais e secundários sobre diversos assuntos, entretanto, a mulher, geralmente, torna-se alvo de comentários.

A partir das primeiras observações foi possível perceber que a mulher está, frequentemente, relacionada a assuntos como beleza e maternidade. Nesse sentido, Saffioti (1987) destaca que a mulher é, geralmente, associada a esses valores ‘negativos’, sendo que tais valores são adquiridos de acordo com o processo de socialização. Para Confortin (2003), esse processo ocorre em vários momentos sociais sendo um deles, justamente, através da mídia.

Neste trabalho será analisado o programa do dia 8 de março de 2016, dia Internacional da Mulher em que se deu destaque para pais que foram criticados por presentear o filho com cozinha de brinquedo, que é objeto desta análise.

O pai Arthur inicia o diálogo com Fátima mencionando o fato de que não se encontra este tipo de brinquedo em cor azul, por exemplo. “*Chegando nas lojas, procuramos em várias lojas, e só achamos da cor lilás e rosa, então resolvemos comprar*”. O fato de encontrarem apenas em cores ‘ditas femininas’ referênciam o fato de que são as meninas que, desde pequenas, precisam aprender a cozinhar. Nesse sentido, sendo o brinquedo um elemento considerado

importante na socialização e no conhecimento de mundo da criança percebe-se como o discurso social que a apresenta a mulher seu papel social começa a ser forjado já na infância. Não há como desconsiderar assim que, como disse Confortin (2003), a formação social passa pelos discursos a que somos submetidos desde muito cedo.

Os pais de Arthur, que são educadores, relatam ainda: “*nós queremos, realmente, que as crianças entendam que essa divisão de brinquedo para menina e para menino não existe*”. Para reforçar essa ideia de que não há distinção nos brinquedos, o programa traz ao palco vários brinquedos ditos ‘femininos’ e outros ditos ‘masculinos’ como, por exemplo, cozinhas, rodos, vassouras, oficina de mecânica, bola, entre outros. As meninas, preferiram brincar com a oficina mecânica, enquanto alguns meninos ficaram nas cozinhas.



Figura 1: Crianças no palco do Encontro brincando com vários tipos de brinquedos, sem distinção. Fonte: Encontro com Fátima Bernardes.

A apresentadora então cita que “*A cozinha é um ambiente que deveria ser frequentado por todo mundo. Não é um território privado para as mulheres não, né gente. Já foi o tempo. Hoje em dia todo mundo está lá, ajudando e participando*”. Essa pequena frase transmite ao telespectador que o conceito de que a mulher necessita ser a dona de casa, enquanto o homem trabalha, é algo do passado. Para Michel (1989), um exemplo comum que retrata a questão da mulher ser, frequentemente, associada aos afazeres domésticos, geralmente, se destaca ainda na vida infantil, pois dependendo do tratamento que se dá a criança, ela já vai estar condicionada ao seu papel futuramente que,



normalmente, se resume a ajudar a mãe com as tarefas domésticas.

Isso se comprova quando Arthur relata que poucas pessoas, realmente, criticaram o fato de ele apresentar o filho com uma cozinha de brinquedo, mas que o que lhe surpreendeu foi que *“99% das pessoas que apoiaram foram mulheres, os homens pouco se manifestaram sobre isso”*. Ele ainda completa: *“Eu lembro quando a Carla ficou grávida, nós fizemos um curso de pais e tinha uma de banho e eu não sabia nem segurar a boneca direito e eu olhava para o lado e todas as mulheres já sabiam trocar as fraldas, pegar a criança, dar banho, porque já na infância elas já aprenderam isso”*. Nesse caso percebe-se o que Confortin (2003) chama de “naturalização social” que acontece por meio de discursos. As mulheres que sabiam dar banho em um bebê aprenderam desde cedo tal função. A maternidade como papel feminino foi construído o que nos leva ao que Beauvoir (2009) indica como tornar-se mulher. Nesse ponto, o pai ressalta que é importante então que, ainda na infância, independente do sexo da criança, ela brinque de cozinhar, brinque de carrinho e de boneca, para que tenha noção de tudo um pouco.

Como ainda há o pensamento de que a cozinha é um lugar feminino, Arthur relata que ser chefe de cozinha é uma profissão que tem muitos homens e mulheres, mas que *“infelizmente as indústrias fabricam pensando que é brinquedo só para menina e acaba que muitos pais ficam constrangidos em comprar o brinquedo por causa da cor”*. O pai então puxa outro gancho importante a ser tratado no programa: questão da cor. Ainda há um certo preconceito em relação a meninos usarem rosa e/ou lilás, assim como há para as meninas usarem azul e/ou verde. Então para mostrar ao telespectador que não há problemas em cores, Arthur cita o fato que seu filho possui brinquedos de todas as cores. *“Tem [brinquedos] vermelhos que é a cor que ele mais gosta, tem amarelos, verdes e azuis, mas também lilás e também rosa, por que não? Ele tem carro que ele gosta muito, bola, mas também uma cozinha”*.



Figura 2: Criança, em casa, brincando com a cozinha rosa que ganhou dos pais.  
Fonte: Encontro com Fátima Bernardes.

Para completar assuntos que, normalmente, são polêmicos, o Encontro visa dar espaço também a especialistas. Nesse contexto, o neurocirurgião Fernando Gomes Pinto destaca que proporcionar à criança todos os tipos de brinquedo além de normal, é saudável, pois ela passa a ter a criatividade mais estimulada. Ele ainda ressalta: *“Um dos assuntos mais intrigantes que tem, é essa ideia de que o pai ou a mãe podem influenciar a opção sexual do filho na frente, oferecendo brinquedo de menino ou brinquedo de menina”*. Para tentar mudar este conceito, o neurocirurgião segue relatando que isso é algo que tem, além do ambiente e da cultura como influenciando, a questão hormonal.

Fátima então encerra alegando, mais uma vez, a importância dos pais em possibilitarem o contato das crianças com diversos mundos diferentes. *“Porque se a gente criar desde pequenininho, [...] se você ajudar a mostrar que comportamentalmente não há nenhum problema em você fazer esse tipo de ação, de atividade, a gente certamente vai ter mais homens com facilidade de chegar na cozinha e saber a hora de dividir o jantar. Parceiros mais para os dias de hoje, mesmo”*.

Portanto, tratar sobre este tema justamente em um dia marcado pela luta constante das mulheres em relação à igualdade de gênero, conscientiza o telespectador que o brinquedo para a criança, na verdade, é uma simbologia. O menino que achar que não pode ter uma cozinha, pois é de menina, pode pensar que esta função é, exclusivamente, dela. O mesmo acontece com pais que privam a menina de jogar bola, ter uma oficina mecânica de brinquedo e etc.





Além disso, Cruz, Silva e Souza (2011, p. 1) destacam que os brinquedos em sua ‘inocência’, muitas vezes, “aprimoram, controlam, regulam as crianças e apontam o papel social que deve desempenhar quando crescer”. Para os autores, os meninos, por exemplo, desde cedo são incentivados a preferirem bolas, carros, jogos, enquanto as meninas são incentivadas a gostar de bonecas e de casinha. Essas brincadeiras têm como objetivo disciplinar os corpos e construir uma “determinada identidade do homem e da mulher com uniformidade moral, sendo adequadas ao padrão tido ‘ideal’ para viver em sociedade, ou seja, o corpo determinará a vida que o sujeito deverá ter” (CRUZ; SILVA; SOUZA, 2011, p. 1).

Nesse mesmo sentido, Silvestre e Barreto (2008, p.62) explicam que o discurso das garotas e as motivações em relação à escolha do brinquedo preferido, estão ligados “à perspectiva de vivenciar situações próprias de um futuro feminilizado, para o qual vão sendo conduzidas”. Ou seja, “a preferência pelas bonecas indica a introjeção de valores que conduzem ao lugar de mulher, mãe, avó e dona de casa” (SILVESTRE; BARRETO, 2008, p. 62).

Sendo assim, o brinquedo passa a ser uma forma de continuar construindo socialmente, os papéis que a mulher e o homem, no futuro, devem exercer na sociedade. Por isso, houve a crítica em relação aos pais terem dado a cozinha de brinquedo ao filho, pois há o pensamento de que este brinquedo é, justamente, da menina, para que ela já vá se familiarizando e entendendo que, no futuro, o papel de cozinhar será dela.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou analisar como o feminino é retratado no programa Encontro com Fátima Bernardes sob aspectos culturais e sociais, além disso, visou identificar se o gênero infotainment é usado com frequência no programa.

Para isto, o objeto de análise foi o programa Encontro com Fátima Bernardes, de 8 de março de 2016. Com a pesquisa, foi possível perceber diversos temas relacionados à mulher. Entretanto, os mais comuns permanecem as pautas em temas ditos femininos como, por exemplo, maternidade e beleza.

Além disso, com este estudo foi possível observar como o preconceito em relação à mulher permanece enraizado na sociedade, ainda que de maneira mais



sutil. No programa Encontro com Fátima Bernardes (que possui o sexo feminino como público-alvo), encontrou-se um equilíbrio em relação à igualdade de gênero. Ou seja, traz abordagens visando, de alguma forma, desconstruir os padrões estabelecidos como o exemplo trazido na análise apresentada. Esta indica um questionamento quanto aos papéis que são destinados a homens e mulheres já na infância.

Contudo, as escolhas dos temas acabam demonstrando que, de certo modo, o sexo feminino continua sendo prisioneiro de um discurso construído ao longo dos séculos, na qual a mulher além de ser mãe e esposa, acaba se tornando também símbolo de beleza.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

CLÈMENT, Catherine; KRISTEVA, Julia. **O feminino e o sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do feminino**. São Paulo: Editora Átomo, 2003.

CRUZ, Lilian Moreira; SILVA, Zenilton Gondim; SOUZA, Marcos Lopes de. **O brinquedo e a produção do gênero na educação infantil**: uma análise pós-estruturalista. Bahia: UESB, 2011.

DEJAVITE, Flávia Angélica. A notícia light e o jornalismo de infotimento. In: VI ENCONTRO DE NÚCLEO DE PESQUISA, 2007, Santos. **Anais ... Santos**: Intercom, 2007, p.1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf>. Acesso em: 4 maio 2016.

DEJAVITE, Flávia Angélica. **INFOtenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.



**Pure People.** Disponível em: <[http://www.purepeople.com.br/famosos/fatima-bernardes\\_p2643](http://www.purepeople.com.br/famosos/fatima-bernardes_p2643)>. Acesso em: 9 mar. 2016.

ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/>>. Acesso em: 7 set. 2016.

ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/>>. Acesso em: 7 set. 2016.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **O que é ser Mulher? O que é ser Homem?** São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 1997.

GALIZA, Danuza F. **Mulher: O feminino através dos tempos.** 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/mulher-o-feminino-atraves-dos-tempos/3781>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teoria da comunicação: idéias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, Maureen Lessa; GITAHY, Raquel Rosan Christino. A evolução dos direitos da mulher. **Colloquium Humanarum**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 74-90, 2007.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/infantojuvenis/xou-da-xuxa.htm#>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/encontro-com-fatima-bernardes.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

MICHEL, André. **Não aos estereótipos! Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares.** São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina, Unesco, 1989.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia: Controle social e comparado.** São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

RODRIGUES, Luciana Varga. **A representação da mulher na imprensa feminina.** São Paulo: Ed. UFJF, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.



SEIXAS, Ana Maria Ramos. **Sexualidade feminina**: história, cultura, família, personalidade e psicodrama. São Paulo: Senac, 1998.

SGARBIERI, Astrid Nilsson. A mulher brasileira: representações na mídia. In GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do feminino**. São Paulo: Editora Átomo, 2003.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão; ANDRADE, Marta Mega de. **Mito e gênero**: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. Rio de Janeiro: Cadernos Pagu, 2009.

SILVESTRI, Mônica Ledo; BARRETO, Flávia de Oliveira. O. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero. In: RIBEIRO, C. M. (Org.). **Educação Inclusiva**: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: UFLA, 2008.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO ESPÍRITO SANTO. **82 anos da conquista do voto feminino no Brasil**. Disponível em: <http://www.tre-es.jus.br/imprensa/noticias-tre-es/2014/Fevereiro/82-anos-da-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>>. Acesso em: 7 set. 2016.